

## VIVÊNCIAS DO LUTO INFANTIL FRENTE À PERDA DOS PAIS

### EXPERIENCES OF CHILDHOOD GRIEF FOLLOWING PARENTAL LOSS

**Gleisy Denise Gomes Morais<sup>1</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3805-6331>

E-mail: [gleisy.morais@aluno.uniceug.com.br](mailto:gleisy.morais@aluno.uniceug.com.br)

**Isac Cardoso Santos<sup>1</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4947-0026>

E-mail: [isac.santos18@aluno.uniceug.com.br](mailto:isac.santos18@aluno.uniceug.com.br)

**Ana Tereza Dias Vasques<sup>2</sup>**

ORCID <https://orcid.org/0009-0004-0010-3656>

E-mail: [ana.vasques4@docente.suafaculdade.com.br](mailto:ana.vasques4@docente.suafaculdade.com.br)

<sup>1</sup>Discente do Centro Universitário de Goiânia - UNICEUG, Campus Goiânia – GO, Brasil.

<sup>2</sup>Docente do Centro Universitário de Goiânia – UNICEUG, Goiânia – GO, Brasil.

---

## RESUMO

**Introdução:** Falar sobre a morte causa certo desconforto, visto que esse tema ainda é tratado como um tabu por grande parte das pessoas. **Objetivos:** O presente artigo tem como objetivo investigar as vivências que as crianças que perderam os pais apresentam, assim como, quais as consequências emocionais, sociais e cognitivas desta perda a partir da contribuição de teóricos da Psicologia. **Metodologia:** A pesquisa é do tipo bibliográfica exploratória baseada em bancos de dados, tais como Google Acadêmico, PePSIC e SciELO. **Resultados:** Os resultados da pesquisa consideram que apesar do luto ser universal, a criança atravessa a perda dos pais de forma diferente dos adultos. Diversos teóricos como Jean Piaget, John Bowlby, Lev Vygotsky, Sigmund Freud e Melanie Klein se debruçaram sobre as interferências do luto no desenvolvimento infantil. **Conclusão:** Compreende-se que o luto é um tema melindroso para a maioria das pessoas, ainda mais para as crianças que se encontram em pleno desenvolvimento de suas emoções, capacidade cognitiva e habilidades sociais. Poder contar como uma rede de apoio seja na família ou na escola pode fazer com que esta travessia seja menos dolorosa e solitária.

**Descritores:** Luto; Orfandade; Desenvolvimento Infantil.

## ABSTRACT

**Introduction:** Talking about death causes a certain degree of discomfort, as this topic is still treated as a taboo by a large portion of people. **Objectives:** The present article aims to investigate the experiences that children who have lost their parents present, as well as the emotional, social, and cognitive consequences of this loss, based on the contributions of Psychology theorists. **Methodology:** The research is an exploratory bibliographic study based on databases such as Google Academic, PePSIC, and SciELO. **Results:** The research results consider that although grief is universal, the child goes through the loss of parents differently from adults. Several theorists such as Jean Piaget, John Bowlby, Lev Vygotsky, Sigmund Freud, and Melanie Klein have studied the interference of grief in child development. **Conclusion:** It is understood that grief is a sensitive topic for most people, even more so for children who are in full development of their emotions, cognitive capacity, and social skills. Having a support network, whether in the family or at school, can make this journey less painful and lonely.

**Descriptors:** Grief; Orphanhood; Child Development.

## 1. INTRODUÇÃO

A finitude é uma certeza e a morte faz parte de um ciclo natural e inevitável, sempre presente na história da humanidade. Trata-se de um caminho irrevogável, do qual ninguém pode escapar, independentemente da crença, do tempo ou da cultura (Kovács, 2002). Por esse motivo, falar sobre a morte causa certo desconforto, visto que esse tema ainda é tratado como um tabu por grande parte das pessoas.

Nesse sentido, Elias (2001) assinala que existem construções sociais em torno da morte, o que explica o receio que muitos têm ao abordar o tema do luto. Lidar com o luto é, portanto, um processo desafiador para aqueles que o vivenciam. Não obstante, o luto pode ser entendido como uma reação natural e individual diante da perda de algo ou alguém significativo e, conforme Bowlby (1985), quanto maior o apego ao objeto perdido, maior tende a ser o sofrimento decorrente dessa perda.

Para Bee (1997), autora que realiza importantes estudos sobre o significado da morte para a criança, o entendimento infantil da morte pode ser permeado por fantasias de reversibilidade, como a crença de que a perda pode ser desfeita por meio de uma oração ou de ações semelhantes. Além disso, Cruz *et al.* (2021) denuncia que, muitas vezes, os adultos no entorno da criança não reconhecem adequadamente os sentimentos dela, invalidando suas angústias e levando-a a acreditar que suas emoções não são relevantes.

Quando se trata da perda dos genitores, essa experiência desperta na criança reflexões sobre a própria morte. Em consequência, crianças enlutadas podem demonstrar comportamentos de submissão e insegurança, motivados pelo medo de novas perdas (Kovács, 2016).

Segundo Parkes (1998, p. 45), “a morte dos pais constitui uma das perdas mais profundas e potencialmente desestruturantes na vida de uma criança”, uma vez que rompe laços afetivos essenciais à formação da identidade e da confiança básica. O vínculo afetivo entre pais e filhos constitui a base da segurança emocional, sua perda provoca uma ruptura que pode gerar ansiedade, medo e desamparo (Bowlby, 1982).

A compreensão da morte pela criança não ocorre de forma isolada de outros aspectos do seu desenvolvimento cognitivo geral, variando conforme seu nível de desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional (PIAGET, 1995), visto que a perda de uma figura de apego provoca intensas reações emocionais e pode comprometer o senso de segurança da criança (Bowlby, 1993).

Parkes (1998) enfatiza que a criança enlutada precisa de estabilidade emocional e de um ambiente que legitime sua dor. Quando o luto é ignorado ou minimizado pelos adultos, a criança pode internalizar o sofrimento, Bowlby (1985). Sigmund Freud (1917) chamou de luto patológico uma forma de dor pela perda não elaborada que pode repercutir na vida adulta.

O papel dos cuidadores e educadores é fundamental nesse contexto, pois precisam ajudar a criança a ressignificar a ausência, preservando as lembranças afetivas de forma positiva. De acordo com Franco (2010), o suporte emocional oferecido por adultos significativos é essencial para que a criança possa reconstruir sua identidade e elaborar o processo de perda de maneira saudável, transformando a dor em uma experiência de crescimento emocional. Segundo Papalia e Feldman (2013), a estabilidade nas rotinas e o apoio afetivo dos cuidadores são fundamentais para a formação de um ambiente seguro, favorecendo o ajustamento psicológico e o crescimento saudável da criança.

O diálogo aberto sobre a morte, em linguagem adequada à idade, contribui para que o processo de luto seja vivido com menos angústia e mais compreensão (Kovács, 2016). O luto infantil, quando acolhido com empatia, pode se transformar em um processo de reconstrução afetiva e amadurecimento emocional, sendo o suporte dos cuidadores e profissionais indispensável nesse percurso (Franco, 2010). Compreender o silêncio como linguagem do

luto é essencial para que a criança encontre meios de expressão e possa dar novo sentido à perda vivida (Cruz *et al.*, 2021).

Assim, o presente trabalho objetiva analisar através de um viés teórico da Psicologia quais são as experiências pelas quais as crianças que perderam os pais atravessam e quais são os impactos emocionais, cognitivos e sociais envolvidos no processo do luto.

## 2. MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza exploratória. Esse tipo de pesquisa objetiva, principalmente, a busca e análise de materiais publicados (livros, artigos científicos, teses e dissertações) para aprofundar e discutir um determinado tema.

O levantamento bibliográfico foi realizado em bases de dados eletrônicas de relevância acadêmica e científica, como Google Acadêmico, PePSIC e SciELO. Diante disso, esse tipo de pesquisa é constituído a partir de livros e artigos científicos, permitindo assim que o autor se aproprie de uma gama de fenômenos mais ampla do que qualquer outro tipo de pesquisa.

Como critérios de inclusão na presente pesquisa temos: artigos referentes à infância, preferência pela busca por artigos científicos e materiais no idioma português. Os critérios de exclusão, por sua vez, foram: evitar teses e dissertações e estudos em outros idiomas. As palavras-chave (ou termos de busca) utilizadas para a coleta de dados foram: luto; desenvolvimento infantil e teorias do luto.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Existe uma certa hesitação por parte de algumas pessoas quando o assunto é a morte. Assim, ela é frequentemente associada a algo mau ou apavorante. Em uma sociedade que apresenta cada vez mais avanços na ciência, oferecendo maior qualidade de vida e aumentando a expectativa de anos vividos, observa-se, paradoxalmente, um aumento do medo e da negação da finitude. Falar sobre morte e luto ainda é considerado um tabu, sendo temas vistos como mórbidos (Kübler-Ross, 1981).

Entende-se que o luto é um fenômeno universal, mas vivenciado de forma singular, influenciado por fatores culturais, sociais e emocionais. No caso das crianças, o luto é ainda mais complexo, pois elas estão em processo de desenvolvimento cognitivo e emocional, o que interfere diretamente na forma como compreendem e elaboram a morte (Kovács, 2003).

O luto pode ser compreendido como “o preço do amor”, segundo O’Connor (2023). Segundo Freud (1917), ele envolve um processo de trabalho psíquico no qual o indivíduo se confronta com a realidade da perda, reconhecendo que o objeto amado deixou de existir e que, por isso, a libido não pode mais ser investida nele. O processo de luto não é algo que ocorre em um espaço de tempo curto, pois requer uma elaboração complexa, ocasionando sofrimento, porque “[...] desvincular-se de quem

se ama é muito doloroso” (CRUZ *et al.*, 2021, p. 7). O autor Bowlby (1993) complementa que a intensidade da dor está diretamente relacionada ao grau de apego e à qualidade do vínculo com a pessoa perdida.

O estudo da psicóloga americana Mary Ainsworth motivou o psicólogo e psiquiatra britânico John Bowlby a idealizar a chamada Teoria do Apego que apregoa que o modelo de apego que um indivíduo apresenta na primeira infância está ligado diretamente à forma que seus pais ou substitutos, os chamados cuidadores primários, o tratam (DALBEM; DELL’AGLIO, 2005).

Como a figura de apego, que pode ser um pai, mãe ou quem cuida, está intimamente ligada com a noção de segurança, Bowlby definiu 4 tipos de apego: seguro/autônomo; desapegado/evitativo; preocupado/ansioso e desorganizado/desorientado (RAMIREZ; SCHNEIDER, 2010). Estas categorias foram definidas especialmente a partir de um método experimental de sua colaboradora Ainsworth chamado Situação Estranha que avaliava a reação de crianças na interação e separação de seus cuidadores.

Ao refletir sobre o luto infantil, é imprescindível compreender que esse processo não se limita à dimensão emocional, mas abrange aspectos cognitivos, sociais e simbólicos do desenvolvimento da criança. Segundo Kóvacs (2003), o luto infantil manifesta-se de forma singular, pois a compreensão da morte depende diretamente do estágio de desenvolvimento cognitivo em que a criança se encontra. Nesse sentido, autores como Piaget e Inhelder (1995) destacam que a construção de significados sobre a morte é mediada pelas experiências sociais e pela linguagem, sendo o diálogo e o acolhimento fundamentais para a elaboração saudável da perda.

O processo do luto, conforme Kóvacs (2003), em crianças difere dos adultos porque elas ainda estão desenvolvendo a compreensão sobre a irreversibilidade da morte. A compreensão da morte na infância envolve aspectos como a irreversibilidade, a não funcionalidade, a universalidade e a causalidade, os quais são assimilados progressivamente à medida que a criança amadurece emocional e cognitivamente.

Os estudos piagetianos relacionam o aparato biológico e o ambiental na intenção de construir uma teoria interacionista do desenvolvimento cognitivo. Piaget e Inhelder (1995) explicam que o ambiente físico e social situa as crianças em desenvolvimento em situações inéditas e contínuas que acabam por desorganizar o equilíbrio do organismo, obrigando-a a estabelecer comportamentos mais adaptativos. E é justamente neste contexto de frequente adaptação, que as crianças, segundo Piaget, vão produzindo novas formas de organização

mental e adquirindo habilidades para melhor interagir com seu meio interno e externo e com a realidade.

Neste sentido, Piaget define quatro estágios do desenvolvimento cognitivo do nascimento até à adolescência (Rapaport, 1981c). O primeiro deles, o sensório-motor que vai de 0 a 2 anos, é caracterizado por uma inteligência prática voltada ao conhecimento do meio à sua volta partir da coordenação das percepções sensoriais e de comportamentos motores simples.

O estágio seguinte, o pré-operatório, vai dos 2 aos 6 anos e é quando a criança começa a desenvolver seus esquemas de representação simbólica, além de apresentar um pensamento egocêntrico e autocentrado, confundindo-se com objetos e pessoas, podendo atribuir seus pensamentos e sentimentos aos das outras pessoas. As crianças, nesta etapa evolutiva, mistura realidade com fantasia, o pensamento então tem uma tendência lúdica significativa que determina uma percepção distorcida da realidade. Não raro a criança criar neste momento fantasias sobre a morte dos pais. Além disso, Rodrigo (2004) nos chama atenção para o fato da irreversibilidade do pensamento no período pré-operatório.

O período seguinte é o operatório concreto e corresponde aproximadamente a faixa etária de 6 a 12 anos. A linguagem, agora bem definida e socializada, favoreceu a formação de esquemas conceituais organizados pela razão e não mais pela assimilação egocêntrica. A criança consegue conciliar pontos de vista, necessidade e sentimentos, além dos seus. O lugar onde existia confusão entre fantasia e realidade inexistente e agora dá lugar a uma atitude crítica, capaz de analisar de forma lógica a realidade externa (Piaget; Inhelder, 1995).

E por fim, é apenas no estágio que representa a adolescência a partir dos 12 anos, o operatório formal, no qual o indivíduo adquire a habilidade de pensar sistematicamente sobre todas as relações lógicas presentes em um problema e consegue, finalmente, trabalhar com conceitos e ideias abstratas (Rappaport, 1982). Assim, fica claro o longo percurso de compreensão sobre algo de tão difícil entendimento como a morte para uma criança.

A autora Melanie Klein (1935), destacou que, mesmo em idades precoces, a criança vivencia sentimentos ambivalentes diante da perda: amor e raiva coexistem, gerando culpa inconsciente. Essa dinâmica interna torna o luto infantil um processo delicado que requer acolhimento à criança e uma escuta profissional sensível.

O enfrentamento do luto infantil requer uma rede de apoio sólida, composta por familiares, educadores e profissionais de saúde mental. De acordo com Franco (2010), o acolhimento

sensível e a validação das emoções da criança são essenciais para evitar a cronificação do sofrimento. Quando o luto não é reconhecido ou é minimizado pelos adultos, a criança tende a internalizar a dor, podendo manifestar sintomas de ansiedade, regressão comportamental e dificuldades escolares (Cruz *et al.*, 2021).

Além disso, a forma como os adultos lidam com a morte influencia diretamente na elaboração do luto pela criança. De acordo com Kübler-Ross (1981), o silêncio e a negação da morte nas famílias dificultam o processo de compreensão e aceitação. Assim, o diálogo aberto, em linguagem adequada à faixa etária, é uma ferramenta terapêutica importante para favorecer a elaboração simbólica da perda (BROMBERG, 1996). É importantíssimo que a criança possa contar com o apoio dos adultos mais próximos, e que estes tenham uma comunicação aberta com ela, fornecendo segurança para que ela seja capaz de expressar suas emoções e também sejam incluídas na participação dos ritos contornados pelo luto, ou seja, velório e o enterro (Fujisaka, 2009).

A escola também exerce papel relevante no acolhimento de crianças enlutadas, pois é um dos principais espaços de socialização. Conforme aponta Kovács (2016), educadores preparados podem atuar como mediadores emocionais, auxiliando a criança a expressar seus sentimentos e compreender o ciclo da vida. Essa abordagem contribui para que o luto seja vivido de forma saudável, transformando-se em uma experiência de crescimento e resiliência emocional (Papalia; Feldman, 2013).

A elaboração do luto na infância, portanto, depende de múltiplos fatores: o tipo de vínculo com a pessoa falecida, o suporte emocional disponível, a capacidade cognitiva de compreender o que ocorreu e o contexto sociocultural no qual a criança está inserida (Franco, 2010). Quando há acolhimento e escuta empática, o luto pode se transformar em uma experiência de reconstrução afetiva, promovendo amadurecimento emocional e fortalecimento dos laços sociais (Parkes, 2009).

Desvincular-se emocionalmente de quem se ama é doloroso e requer tempo, compreensão e suporte emocional (Cruz *et al.*, 2001). Em contrapartida, quando há ausência de acolhimento, o luto pode se tornar patológico, levando a dificuldades emocionais que se prolongam até a vida adulta. Freud (1917) descreve esse fenômeno como luto patológico, caracterizado pela fixação na perda e pela incapacidade de reinvestir afetivamente em novos vínculos. Nesses casos, o acompanhamento psicológico é fundamental para ajudar a ressignificar a ausência e restabelecer o equilíbrio psíquico (Franco, 2010).

Parkes (1998) reforça que o apoio oferecido por adultos de referência é decisivo na forma como a criança enfrenta o luto. O modo como os cuidadores expressam e lidam com suas próprias perdas serve de modelo para a criança, influenciando sua capacidade de simbolizar a ausência e reorganizar emocionalmente sua vida. Desse modo, a escuta sensível e a validação dos sentimentos infantis são elementos centrais na reconstrução do vínculo interno com a pessoa falecida, conforme descreve Cruz (2001), que vê o luto como um processo de reconstrução de significados.

Além disso, estudos recentes evidenciam que a negação da morte na cultura contemporânea impacta diretamente a forma como as crianças elaboram suas perdas. De acordo com Cruz (2001), o silêncio e a omissão sobre o tema nas famílias e nas instituições escolares reforçam o medo e a confusão diante da morte, impedindo que a criança desenvolva recursos emocionais adequados para lidar com a finitude. Por outro lado, práticas educativas que abordam o tema com sensibilidade e respeito contribuem para a promoção da saúde mental e emocional infantil.

Assim, abordar o luto infantil de forma aberta, empática e interdisciplinar é uma tarefa que envolve não apenas o âmbito familiar, mas também o escolar e o comunitário. A criação de espaços de escuta e expressão — por meio de atividades artísticas, literárias e psicopedagógicas — possibilita à criança dar significado à sua dor e transformar a experiência de perda em aprendizado e crescimento (Cruz *et al.*, 2021). Com isso, o luto deixa de ser apenas uma vivência dolorosa e passa a ser entendido como uma oportunidade de fortalecimento emocional e resiliência.

Portanto, discutir o luto infantil significa reconhecer a criança como sujeito de emoções legítimas, capaz de vivenciar e elaborar perdas quando amparada por uma rede afetiva segura. A morte, embora inevitável, pode ser compreendida e enfrentada quando tratada de forma aberta e compassiva, rompendo o tabu social que ainda cerca esse tema (Kovács, 2003).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte, tabu para muitos, pode ser ainda mais difícil de elaboração para crianças, seres em corrente desenvolvimento de suas capacidades de percepção, compreensão e de sentir o mundo à sua volta e dentro de si. O luto representa perda, e para a criança, a perda dos pais tem a ver com a ida sem volta de um objeto de amor, de cuidado, de segurança e de identificação. Os pais, como primeiros objetos amorosos sedimentam o caminho que as crianças aprenderão a trilhar.

Se faz necessário entender, quando da perda dos pais, como a criança processa esse luto e como o seu desenvolvimento pode ser afetado. O período da infância poderá determinar os rumos da formação de um adulto, assim como a perda de alguém que faz parte do seu vínculo mais primário pode influenciar em como essa criança irá, quando adulto, se relacionar com os outros. E somos seres relacionais por excelência.

Esse desenvolvimento ocorrerá em níveis diversos, a saber, físico, emocional, cognitivo e social e irá caracterizar o indivíduo e seu comportamento frente ao meio. O luto, como vimos, pode influenciar estes vários níveis comprometendo a constituição de uma pessoa. Foi apresentado neste estudo, a percepção de alguns estudiosos da Psicologia a respeito.

Sabendo disso, os adultos não podem menosprezar a experiência infantil frente à morte de seus pais, e sim, devem validar seus sentimentos, ser escuta, compreensão, apoio e ponte no caminho até a elaboração do luto. A rede de apoio, seja da família, seja da escola onde a criança frequenta é indispensável neste percurso.

#### REFERÊNCIAS

BEE, H. **O Ciclo Vital**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BOWLBY, J. **Apego e perda: perda – tristeza e depressão**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

BROMBERG, M. H. P. **Falando de morte às crianças**. São Paulo: Paulus, 1996.

CRUZ, M. L. **O luto na infância: compreendendo e acolhendo a criança enlutada**. Belo Horizonte: Artesã, 2001.

CRUZ, M. C. N. L. et al. Um pedaço de mim virou estrelinha: elaboração do luto infantil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, 2021.

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

FRANCO, M. H. P. **O processo de luto: uma perspectiva psicossocial**. São Paulo: Summus, 2010.

- FREUD, S. **Luto e melancolia**. In: \_\_\_\_\_. Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 12. (1917). São Paulo: Cosac Naify, 2011 (Tradução de Marilene Carone)
- FUJISAKA, A. P. **Vivência de luto em adultos que perderam a mãe na infância**. 2009. 235 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- KLEIN, M. **Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos**. 1935. In: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.
- KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos, e aos seus próprios parentes**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- O'CONNOR, M. **O cérebro de luto: como a mente nos faz aprender com a dor e a perda**. Rio de Janeiro: Laura Folgueira, 2023.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- PARKES, C. M. **Amor e perda: As raízes do luto e suas complicações**. São Paulo: Summus, 2009.
- PARKES, C. M. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 1998.
- PIAGET, J. INHELDER, B. **A psicologia da Criança**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1995.
- RAMIREZ, R; SCHNEIDER, M. S. Revisitando alguns Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento versus Representação? **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, Vol. 26 n. 1, p. 25-33, Jan-Mar 2010.
- RAPPAPORT, C. R. Desenvolvimento Cognitivo. In: RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R. e DAVIS, C. **Psicologia do Desenvolvimento: A idade pré-escolar**. São Paulo: EPU, v.3, 1981c, p. 41-55.
- RAPPAPORT, C. R. Desenvolvimento Cognitivo. In: RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R. e DAVIS, C. **Psicologia do Desenvolvimento: a idade escolar e a adolescência**. São Paulo: EPU, v. 4, 1982, p. 46-68.
- RODRIGO, M. J. Desenvolvimento intelectual e processos cognitivos entre os dois e os seis anos. In: COLL, C. MARCHESI, A. PALACIOS, J. (Orgs). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 55-70.

---

**Endereço para correspondência:**

Ana Tereza Dias Vasques

Coordenação de Psicologia, Centro Universitário de Goiânia (UNICEUG). Av. T-2, nº 1993, Setor Bueno. Goiânia – GO, CEP: 74215-005, Brasil.

E-mail: ana.vasques4@docentesuafaculdade.com.br

**Histórico do Artigo:**

Recebido em: 20/01/2026

Aceito em: 20/03/2026

Disponível online em: 22/06/2026